PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Dia Nacional da Parteira

Neste dia 20 de janeiro é celebrado o Dia Nacional da Parteira, data instituída para homenagear o trabalho dessas mulheres que atuam em regiões isoladas e em comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas. A atuação das parteiras é reconhecida pelo Ministério da Saúde como um importante reforço para o cuidado da mulher e da criança, fazendo parte da rede comunitária de atenção à saúde e contribuindo, inclusive, para a redução da mortalidade infantil.

O Governo Federal e secretarias estaduais de saúde promovem qualificação para as parteiras tradicionais a partir de cursos e formações. Além disso, o Ministério da Saúde lançou, em 2012, o "Livro da parteira tradicional", com informações sobre gestação, saúde da mulher e do bebê, além do alerta sobre em que momentos é necessário buscar o suporte médico hospitalar.

Recentemente, o Governo Federal reinstituiu a Rede Cegonha, estratégia voltada para garantir atendimento de qualidade, seguro e humanizado para as gestantes no SUS. Com a rede, os governos municipal, estadual e federal devem respeitar as necessidades de todas as mulheres, inclusive daquelas que são assistidas pelas parteiras.

Parto humanizado

Um dos legados do trabalho das parteiras tradicionais para a medicina é o parto humanizado. Esse conceito não significa que o bebê necessariamente precisa nascer de forma natural. A definição de parto humanizado está ligada ao respeito à gestante e à criança em todo o processo.

Por isso, a ideia de parto humanizado é preconizada pelo Ministério da Saúde em todos os nascimentos, inclusive na rede hospitalar comum, e é defendida pela Pastoral da Criança e por outras instituições de defesa da mulher, da criança e da vida.

O parto humanizado se apoia na ideia que o bebê escolhe a hora de nascer, por isso a cirurgia cesariana não deve ser marcada, apenas usada como recurso em caso de necessidade, principalmente se houver risco à vida da criança ou da gestante.

Outro ponto fundamental é o respeito à gestante, que deve ser informada de todas as ações da equipe médica e ser ouvida ao tomar suas decisões, além de ter um ambiente emocionalmente confortável, seguro e sem violência.

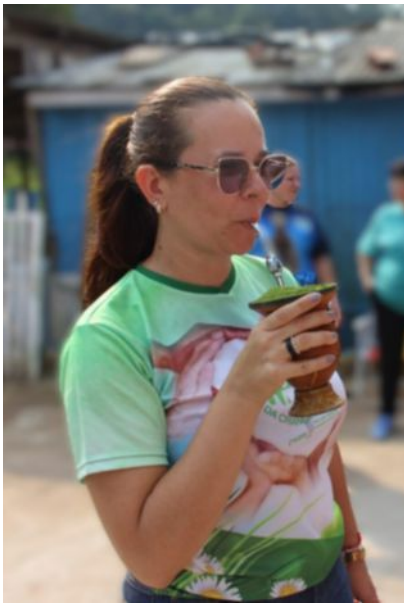
O plano de parto é um documento que ajuda a garantir à gestante que seus direitos sejam respeitados na hora do nascimento de seu filho. Os líderes da Pastoral da Criança podem ajudar na confecção do plano de parto.

Leia mais sobre o assunto nos links a seguir e saiba como se proteger e combater a violência obstétrica.

Saiba mais

Parto com direitos - Um olhar mais humanizado sobre o momento do nascer
O que a gestante deve saber sobre o parto?
Pastoral da Criança - Exames da gestante
Como os primeiros mil dias afetam a vida toda

(MENSAGEM) Maria Inês Monteiro de Freitas, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança.



A Pastoral da Criança defende o parto humanizado, no qual a mulher que vai ganhar bebê é respeitada em seus direitos de cidadã, de mulher e de mãe. Ela tem o direito ao acompanhante no momento do parto e direito a se sentir emocionalmente confortável, com um parto seguro e sem violência. Gestante, converse com os líderes. Converse com os profissionais da Unidade Básica de Saúde onde você faz o pré-natal e decida pela melhor opção que vai garantir mais segurança e saúde para você e o seu bebê.

(DEPOIMENTO) Regina Dolores Carneiro, Suplente da Coordenação Estadual da Pastoral da Criança do estado de Minas Gerais.

Regina, que orientações a Pastoral da Criança dá para as gestantes sobre o parto?

A Pastoral da Criança sempre orienta a gestante a fazer um pré-natal de qualidade, porque o pré-natal é muito importante. Ela precisa também fazer um plano de parto, observar os sinais de perigo e ter sempre a certeza de que ela precisa ter um ambiente de qualidade para ganhar o seu bebê. Ela precisa de um acompanhamento adequado. E sempre pensando que o parto normal é o parto melhor para a criança. A cesariana deve ser feita só se for necessário.

Sobre o tema Dia Nacional da Parteira, confira, a seguir, a entrevista da semana, extraída do Programa de rádio Viva a Viva, da Pastoral da Criança.

ENTREVISTA COM: Karen Estevam Rangel, enfermeira obstetra que trabalha em Curitiba, Paraná.

Karen, qual é a importância das parteiras tradicionais na saúde de hoje em dia?

Então, visto ainda a necessidade das parteiras, em regiões indígenas, quilombolas, de vulnerabilidade social, de longe acesso aos ambientes hospitalares, o próprio Ministério da Saúde recomenda e apoia o trabalho das parteiras, principalmente nessas regiões. Hoje, a gente vê menos o ofício da parteira nas regiões mais urbanas. Ainda assim, nos locais mais distantes, nas áreas rurais, elas são a ligação entre a gestante, a parturiente e até mesmo a puérpera e o próprio neném. A comunicação entre o serviço de saúde e as parteiras é importante para a redução das possibilidades de parto sem assistência.

Karen, onde acontecem hoje mais partos acompanhados pelas parteiras tradicionais?

É nas regiões mais distantes dos serviços de saúde. Então, temos bastante no norte e no nordeste do nosso país, bem como em zonas rurais, regiões quilombolas e indígenas.

Karen, qual é a diferença entre uma parteira tradicional, uma enfermeira obstetra, uma doula e um médico obstetra?

A parteira tradicional geralmente tem como guia, como norte de seus estudos, a sua vivência do dia a dia. Elas aprendem esse ofício passado de mulher para outra mulher. Então, normalmente, são suas avós, mães, que já eram parteiras, e elas acompanhavam esse ofício na família.

A gente ainda tem a enfermeira obstetra, que é uma enfermeira especializada em obstetrícia. Ela está mais relacionada a partos em regiões urbanas e centros hospitalares.

A doula é uma profissional que não é da área da saúde, ainda não tem um ofício profissional, mas ela está ligada nesse momento do parto e do pós-parto, ligada no preparo da mulher para o trabalho de parto e auxilia nos momentos do parto, nas relações emocionais. Mas ela não faz a avaliação clínica da parturiente no trabalho de parto, ela não escuta o coração do bebê ou o toque vaginal. Então, ela não atende o parto, ela atende a gestante no momento do trabalho de parto e ela faz parte da equipe naquele momento.

Já o médico obstetra ou a médica obstetra tem a formação de medicina e se especializa em ginecologia e obstetrícia. Então, o médico obstetra atua principalmente no alto risco em gestantes com alguma alteração de saúde, pressão alta, diabetes, etc. Diferente da parteira e da própria enfermeira obstetra e da doula.

Karen, como o trabalho das parteiras tradicionais ajuda a reduzir a mortalidade materna e infantil?

Bem, no meu ponto de vista, o ofício da parteira tradicional é esse elo de ligação entre as mulheres que estão longe dos locais de saúde, de hospitais ou unidades básicas de saúde, e elas conseguem fazer esse papel de vínculo e união entre essas mulheres e os ambientes de saúde, bem como atendê-las sem necessidade de locomoção, porque muitas vezes essas gestantes e parturientes, elas estão a quatro horas de distância do centro hospitalar e esse transporte seria realizado de barco. Elas não conseguem ter consultas de pré-natal com frequência por conta dessa locomoção. E algumas questões importantes de saúde que poderiam ter sido visualizadas no pré-natal, se ela não tiver essa assistência, não é sinalizado. Então, as parteiras fazem esse elo de ligação, diminuindo as chances de mortalidade materna e infantil, porque elas estão na assistência, elas estão realizando pré-natal, elas estão realizando a assistência ao parto de maneira mais segura e deixando essas mulheres seguras também e sendo esse apoio para os sistemas de saúde.

Karen, o que é o parto humanizado e qual é a relação com o trabalho das parteiras tradicionais?

Então, o parto humanizado, hoje, a gente já sabe que é uma tríade entre informação, a própria mulher ser protagonista no parto dela e a assistência segura baseada em evidência científica. Então, hoje a gente sabe que o parto, a gente tenta retomar aquilo que era anos atrás, que era o que as próprias parteiras já faziam. Então, o próprio respeito ao corpo da mulher, às decisões da mulher, ouvir a mulher e informar sobre o que está acontecendo e o processo como ele se dá. Então, no parto humanizado, a gente tenta sempre resgatar aquilo que é fisiológico do próprio corpo da mulher, pois o corpo foi preparado para esse momento.

Karen, como as parteiras tradicionais agem nas intercorrências: complicações da gravidez e abortamento, pressão muito alta, bebê prematuro, bebê com diabetes e outros?

Então, toda a recomendação hoje do Ministério da Saúde é que em qualquer momento que a parteira sinalizar alguma complicação na gravidez ou tiver alguma sinalização de abortamento, ela deve encaminhar essa gestante para o ambiente hospitalar e acompanhá-la nesse processo, para que seja feito de forma mais segura.

(MENSAGEM) Dom Frei Severino Clasen, Arcebispo de Maringá, Paraná e Presidente do Conselho Diretor da Pastoral da Criança.

Gostaria de dizer que a Pastoral da Criança tem um compromisso sério com a saúde das gestantes e dos bebês recém-nascidos, tanto é que a grande missão da Pastoral da Criança é junto com as gestantes. Que momento sagrado é aquele em que a mulher é chamada a dar à luz a uma nova vida! É divino esse momento. Que possamos lutar para que essa gestante receba um atendimento humanizado, que sejam respeitadas às vontades e necessidades dela, proporcionando uma experiência mais segura e acolhedora e, por isso, deixar que o Espírito de Deus conduza e ilumine, para que todas as gestantes escutem os líderes da Pastoral da Criança, eles têm orientações muito importantes e estão sempre disponíveis para ajudar vocês nessa missão tão nobre, fazer uma criança nascer dignamente e vir à luz do mundo com a graça de Deus.

Esta entrevista faz parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança.
1739 – 20/01/2025 – Dia Nacional da Parteira